

Valorizar o papel. No mais amplo sentido. Essa a nossa intenção ao assinarmos, em dezembro de 1991, o convênio de cooperação cultural entre a Escola de Artes Visuais do Parque Lage e o Departamento Cultural da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Esta a nossa intenção ao viabilizarmos o "Projeto Imagem Gráfica", que incluía esta publicação, e inaugurarmos em 21 de janeiro de 1992 a "Sala Imagem Gráfica" da EAV, com a exposição de gravuras de Carlos Martins que, no catálogo da mostra, registra "a inauguração de uma relação de cooperação e intercâmbio entre duas instituições comprometidas com o desenvolvimento cultural do Rio de Janeiro", frisando ainda: "inaugurar, se de um lado traz alegria e esperança, por outro lado traz a necessidade de empenho e o desafio da construção efetiva".

Valorizar o papel de instituições comprometidas com a educação, o ensino, a pesquisa, a fruição. Instituições que privilegiam a reflexão, a análise e a crítica. Que informam, produzem e se mostram, como mostram e se mostram nossos mais importantes e verdadeiros produtores de cultura, os artistas.

Valorizar o papel, como suporte digno das mais variadas formas de expressão: Sala Imagem Gráfica e Galeria Cândido Portinari, da EAV e UERJ.

Valorizar o papel das relações institucionais e humanas. Em recente debate no auditório da UERJ, à mesa com George Kornis e André Lázaro, este se referiu à arte como "terreno do diálogo possível". E como dialogamos nós da EAV/UERJ! E como é amplo e fértil este terreno! Graças ao apoio irrestrito do Departamento Cultural às nossas solicitações, e foram muitas, viabilizamos farto material gráfico das exposições - garantindo aos artistas expositores um conjunto composto por convite, folder e cartaz - dos cursos e atividades culturais da EAV, sediamos o magnífico evento multimídia "O Rio Homenageia Mario de Andrade", mas, fundamentalmente, tivemos parceiros e aliados sensíveis, perceptivos, construtivos, empreendedores.

Parceiros que nos ajudaram a crescer, e crescer implica em dores, conquistas, perdas, espanto, na busca cíclica e perene do vir a ser, que jamais se completa, premissa que é para novas buscas. Construção do real e não somente do ideal.

Os resultados deste esforço coletivo são palpáveis. Com esta publicação, cumpre-se mais uma obrigação de instituições que verdadeiramente merecem a designação de culturais - gerar e publicar referências bibliográficas.

Comemoramos quatro anos de atividades ininterruptas e coerentes, fruto de projeto comum, de muito empenho. De enfrentamento de desafios. De construção efetiva. De muita alegria. De muita luta.

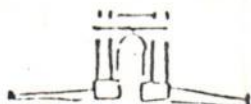
Luta sem tréguas pela conquista da dignidade, da coerência, da integralidade, usando como estratégias a reflexão crítica sobre a ação realizada, o repensar-se continuamente, assumindo-se falíveis mas capazes de. Capazes de resistir aos desmandos, às arbitrariedades, às falências, ao estabelecido.

A Hésio Cordeiro, André Lázaro, George Kornis, Luiz Alphonsus, Gíodana Holanda, Malu Fatorelli, Nelson Augusto, Maria Tornaghi, Fátima Magalhães e aos artistas que honraram as nossas galerias, resistentes que empreenderam esta trajetória conosco, Bravo!

Belos papéis.

João Carlos Goldberg

Julho de 1995



A evolução histórica do Parque Lage clareia a memória de um Rio Antigo e retrocede ao ano de 1620, quando Rodrigo de Freitas de Mello Castro comprou de Fagundes Varela o Engenho de Açúcar Del Rei, plantado às margens da lagoa atualmente conhecida por seu próprio nome. Com o tempo, reuniram-se ainda, sob o domínio dos Freitas, os engenhos de N. Sra. da Conceição e N. Sra. da Cabeça, sendo toda a extensão de terras denominada Engenho dos Rodrigo de Freitas.

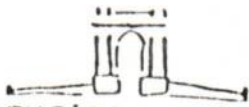
Em 1809, o príncipe D. João desapropriou a fazenda dos Freitas. Um inglês nobre, cujo nome escapa aos registros da época, comprou o parque, contratando para a execução de reformas locais, em 1840, o paisagista John Tyndale. O inglês Tyndale não hesitou em transformar o que antes não passava de uma floresta bruta em uma elegante e refinada quinta aos moldes europeus.

Quatro anos depois, a propriedade já pertencia a João Pereira de Almeida, para, em 1859, passar para o nome de Antonio Martins Lage. Pela quantia de oito mil réis, ele adquiriu o lugar, apressando-se por apelidá-lo de Chácara dos Lage. Os três filhos do senhor de engenho, Alfredo, Roberto e Antonio Filho, foram os agraciados pelo pai, em 1900, com a transferência da área para o seu nome.

Vinte anos mais tarde, a chácara pertencia ao armador Henrique Lage, filho de Antonio e o maior benfeitor da propriedade. Isto porque foi ele o responsável pela decisão de construir uma mansão na quinta, digna das imediações, para agradar a mulher, a cantora lírica Gabriella Besanzeni Lage. O projeto, realizado pelo arquiteto italiano Mario Vodrel, sob a influência caprichosa da artista, imprimiu um ecletismo ímpar ao casarão, incluindo a importação de azulejos, ladrilhos e mármore da Itália para a ornamentação do interior. Salvador Payols Sabaté assinou a pintura decorativa das paredes e tetos.

A prosperidade de Henrique Lage, contudo, um dia chegou ao fim, obrigando-o a entregar boa parte das terras ao Banco do Brasil como forma de pagamento de dívidas contraídas com esta instituição. O restante foi vendido a uma empresa particular. De olho na necessidade de preservação do Parque Lage, o Instituto Florestal determinou o tombamento do lugar como patrimônio histórico e paisagístico. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) concretizou a operação, tombando-o, com a conseqüente desapropriação da área para a construção de um parque público. Em 65, o tombamento foi reafirmado, a nível estadual, pelo então Governador Carlos Lacerda.

A Escola de Artes Visuais é o antigo Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro (IBA), criado em 19 de junho de 1950, que funcionava na Praia Vermelha. Em 66, a transferência do IBA para o Parque Lage foi regulamentada pelo Governador Negrão de Lima. Em 1975, o nome Escola de Artes Visuais foi adotado. Quanto ao parque, em 76 passou ao domínio da União, que em 77 cedeu-o ao IBDF (hoje, Ibama-Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) para ampliação da área do Jardim Botânico, sob forma de utilização gratuita, pelo Decreto Presidencial nº 80.494, de 5/10/77.



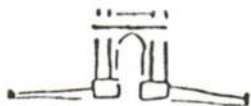
Um perfil de escola livre traçou-se nos últimos 15 anos pelo melhor time de professores de arte do país, sob a direção de Rubens Gerchman, F. Ben Breiten, Marcus Lontra, Frederico Moraes e Luiz Aquila, em gestões sucessivas que sempre distanciaram a EAV da tradicional linha academicista tão comum na área.

O conceito básico 'escola livre' característico do sistema de ensino da EAV evidencia algumas de suas mais atraentes particularidades. A instituição exclui-se da imposição de exames seletivos, diplomas e certificados, oferecendo cursos livres a alunos que têm à sua disposição um currículo amplo, a ser utilizado de acordo com a busca individual em artes plásticas.

Dinâmica por convicção, a linha da EAV atrai profissionais liberais, artistas, estudantes de diversas áreas, donas de casa, enfim, uma variedade de alunos à procura de conhecimento profundo da arte em uma escola que fomenta a discussão e gera novas correntes de pensamento no cenário da arte brasileira.

O sistema compreende 40 cursos por semestre, em média, alguns ministrados nas férias e os de curta temporada, coordenados por 46 professores e distribuídos em 8 núcleos: Pintura, Desenho, Três Dimensões, Gravura, Imagem Técnica, Teórico, Pensar Brasil e Infante Juvenil. As variadas expressões da arte contemporânea espalham-se por todas as salas do palacete do Parque Lage e pátio central, onde se encontra a piscina da mansão.

Se a necessidade de desenvolvimento do aluno atinge nível de maior interesse em busca de uma linguagem própria, a EAV dispõe do Núcleo de Aprofundamento em Pintura. Através de entrevistas, selecionam-se alunos aos quais é destinado um ateliê permanente e o assessoramento constante de professores. Neste núcleo, como bem define o artista plástico e professor da EAV, Milton Machado, "o estudante é estimulado ao fazer, a produzir objetos que busquem a condição especial de obras de arte, através de leituras críticas permanentes entre professores e alunos".



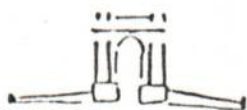
O esvaziamento cultural que atinge o Rio de Janeiro nesses últimos anos passa ao largo da Escola de Artes Visuais. Enquanto centros de arte cerraram portas durante anos a fio, em momento algum vetou-se a disponibilidade e atividade da galeria da escola. Situada logo à entrada do palacete, reúne nada menos que quatro salas de exposições em um total de 300 metros quadrados, sendo que, em alguns casos, o espaço para mostras estende-se pelos corredores, pátios e outras dependências da casa, tomando, por vezes, a área externa do parque.

Em todo este tempo, merecidas atenções voltaram-se para o centro cultural da EAV, um local que acumula currículo extenso de experimentações e mostras ousadas que fizeram notícia. Além de "Como vai você, Geração 80?", a histórica exposição na EAV que deu nome a uma geração de artistas plásticos contemporâneos de talento comprovado, "Território ocupado", em 86, catalisou similar receptividade e repercussão ao espalhar a arte contemporânea pelas dependências da Escola de Artes Visuais de forma livre e irrestrita. Quarenta e um brasileiros fugiram aos preconceitos e usuais restrições de espaço e ocuparam o território da escola, salas, porão, cozinha, piscina e o gramado do parque, imprimindo-lhes o ecletismo de obras em variadas expressões e a irreverência de performances diárias.

Em abril de 88, foi a vez de a galeria da EAV mostrar o resultado de um projeto patrocinado por uma empresa sediada no Rio Grande do Sul, sob a curadoria do então diretor da escola, Frederico Moraes: a exposição "Missões: 300 anos — a visão do artista". Cildo Meirelles, Daniel Senise e mais nove artistas foram enviados à região dos Sete Povos das Missões (localizado na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai) com a especial missão de visitar as ruínas do período dos jesuítas no Brasil para expressar visualmente as diferentes facetas de uma das mais interessantes fases de nosso período colonial. A concepção visual do grupo rendeu belíssimas esculturas, vídeo-instalações, desenhos, xilogravuras, holografias, óleos sobre tela e fotografias, expostos em cidades como Porto Alegre, Brasília e Rio (EAV).

Em 1989, o centro cultural do Parque Lage agilizou-se com a profusão de exposições que se intensificaram na galeria da EAV, levando aos seus salões o trabalho de dez artistas franceses na mostra "Estampes d'aujourd'hui", homenageando o paisagista em seus 80 anos de vida na mostra "Roberto Burle Marx na Pintura", ou revelando a arte de um interno da Colônia Juliano Moreira, falecido em 89, em "Registros de minha passagem pela Terra: Arthur Bispo do Rosário."

Também professores da EAV marcaram presença em "O mestre à mostra", alunos do núcleo de Três Dimensões premiados pela Concorrência Fiat realizaram o "Passêio pelo parque", e 40 gravadores brasileiros marcaram encontro no Parque Lage para expor "Gravura brasileira — Quatro temas". Exposições de significativa repercussão que, nos últimos dois anos, atraíram 50 mil visitantes à Escola de Artes Visuais.



ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

Em 90, o segundo semestre, de comemoração dos 15 anos da escola, foi marcado por importantes eventos e exposições. A mostra "Passeio pelo olhar", inaugurada em 22 de agosto, reuniu desenhos, gravuras e pinturas do fotógrafo do Cinema Novo, Mario Carneiro. "Tempo de trabalho" foi o título da coletânea de trabalhos da mais antiga professora da EAV, Celeida Tostes, o resultado de 35 anos da arte da escultora, baseada em elementos da terra e exibida de 27 de setembro a 11 de novembro na galeria da escola. Em seguida, foi a vez do mestre Iberê Camargo expor, de 27 de novembro a 16 de dezembro, seus "Ciclistas no Parque da Redenção", uma homenagem do pintor a Porto Alegre em uma seqüência de óleos sobre tela e desenhos criados nos últimos dois anos.

O ponto alto das celebrações em torno dos 15 anos da Escola de Artes Visuais aconteceu no dia 29 de setembro, quando uma festa das artes plásticas tomou conta do casarão do Parque Lage. Neste dia, artistas e comunidade realizaram projetos de instalações nas áreas de vídeo, pintura, escultura, desenho e fotografia.

A EAV mantém-se em ritmo acelerado na produção de projetos internos, bem como dispõe de uma curadoria disponível para a seleção de propostas novas. No campo da cultura internacional, a escola se impõe com respeito, acumulando convites de instituições estrangeiras com intenções de estabelecer convênios, que a direção da escola se propõe a aceitar em breve.